

Moçambique: à procura da paz

AC. 15/10/88

• Embora rodeadas de grande discrição, estão em curso algumas iniciativas com vista a ser alcançada uma plataforma de entendimento mínimo que ponha termo à guerra em Moçambique. Na direcção da Frelimo, mas especialmente nas Forças Armadas, está a avolumar-se o sentimento de que é preciso dar esse passo e que a inércia actual, tendo em conta a situação do país, pode ser perigosa.

Num relatório confidencial que apresentaram na reunião da Conferência Episcopal da África Austral, realizada em Harare antes da última visita do Papa a vários países da região, os Bispos católicos de Moçambique eram muito claros num ponto: a paz no seu país não seria alcançada sem um compromisso entre os rebeldes e a Frelimo. Mais categóricas do que o documento, chegaram mesmo a ser as intervenções dos prelados nas sessões à porta fechada.

As fontes absolutamente habilitadas que forneceram esta informação a África Confidencial chegaram mesmo a precisar que os Bispos moçambicanos (todos, sem excepção) tinham ido muito

mais longe do que os pares de Angola na abordagem de um problema que, ressalvadas algumas diferenças, é comum aos dois países — a guerra e as soluções a encontrar para ela.

Por dedução é muito difícil não estabelecer uma sintonia entre o pensamento dos Bispos moçambicanos e a atitude da própria Igreja, nomeadamente o seu Chefe, o Papa. Embora as autoridades de Maputo — entre as quais há pontos de vista não coincidentes em relação à forma de acabar com a guerra — rejeitem que o Papa tenha exercido pressões sobre elas no sentido de as levar a um entendimento com a Renamo, não há nenhuma dúvida de que João Paulo II tomou a iniciativa de oferecer os seus préstimos na matéria.

Outras informações classificadas indicam também que um alto funcionário da Tanzânia (o nome é propositadamente omitido) entabulou recentemente contactos com figuras próximas da Renamo na Europa, tendo em vista estabelecer pontes no sentido da própria direcção da organização.

Não é de excluir que tal iniciativa seja do pleno conhecimento de uma corrente

da direcção da Frelimo que defende o princípio de que é preciso acabar com a guerra e dar início a uma urgente recuperação económica do país. Com esta corrente — que não acredita numa derrota militar da Renamo — está aparentemente identificado o próprio presidente Joaquim Chissano.

As mais incisivas iniciativas com vista à busca de uma solução pacífica e rápida para o conflito moçambicano, poderão no entanto ter o seu principal centro de gravidade na África do Sul (AC n.º 28, pág. 6). Ao contrário do que acontece em relação a Angola, Moçambique tem a manobra diplomática na mão, devido ao apoio internacional e ao clima de confiança que grangeou.

A corrente da Frelimo que é partidária de um arranjo com a Renamo (sem partilha do poder) argumenta que o Governo nada terá a perder com isso, tendo em conta a sua credibilidade internacional. Ao contrário, pode começar a expor-se a riscos desnecessários se persistir unicamente no esforço militar — sobretudo tendo em conta os sinais de desgaste muito visíveis entre os operacionais das Forças Armadas.